dealbar

A IDÉIA É COMO A GÔTA D'ÁGUA. PODE REFLETIR A IMENSIDADE.

Diretor: PEDRO CATALLO

Redação e Administração
Rua Rubino de Oliveira, 85
Correspondência: Caixa Postal 5739
São Paulo

ANO II NÚMERO 12 SÃO PAULO, FEVEREIRO DE 1968 PREÇO NCr$ 0,20

LIBERDADE SEM MÊDO

Por Esther Rêdes

II

1. ENTREVISTAS PARTICULARES

Cada criança que chega a Sumerhill leva algum tempo para adaptar-se à idéia de que é livre porque ela vem amarrada por dentro, segundo a expressão do próprio Neill. Para facilitar esta adaptação foi criado um sistema de entrevistas particulares com o objetivo de conseguir desabafos emocionais e eliminar o sentimento de culpa que os alunos carregam quando chegam à escola e que, na maioria dos casos, está ligado ao problema da masturbação acompanhada de castigos. Se o objetivo da escola consiste em fazer a criança feliz torna-se necessário eliminar êsse sentimento de culpa em primeiro lugar.

Essas conversas são efetuadas em tôrno da lareira e geralmente Neill oferece um cigarro ao aluno para quebrar o gêlo inicial e colocá-lo à vontade. Muitas vêzes o próprio aluno pede uma entrevista. Em outros casos êsse encontro é provocado. Mas de qualquer maneira a criança sai alegre e descarregada de seus sentimentos culposos.

Para dar uma idéia de como funcionam essas entrevistas vou contar o caso de um menino de 14 anos que chegou a Summerhill, vindo expulso da escola anterior e acusado de roubo. Depois de colocá-lo à vontade disse-lhe Neill:

— Ouvi dizer que você é um tanto larápio? Qual é a melhor maneira que conhece para passar a perna na estrada de ferro?

É claro que o menino tentou negar possuir êsse dom mas não pôde evitar o choque que recebeu ao ouvir Neill dizer-lhe serenamente:

— Oh! Você deveria tentar. Eu sei uma porção de jeitos para isso. E em seguida expoz-lhe uma porção de maneiras que imaginara para tal façanha. Mais tarde êsse rapaz confessou ter sido êsse o maior choque de sua vida.

Com um outro menino de 15 anos que respondia apenas com monossílabos às suas perguntas Neill foi obrigado a usar um processo drástico dizendo-lhe:

— Sei o que você está pensando a seu próprio respeito. Que é um tôlo, preguiçoso, estúpido presumido e rancoroso.

— Sou? disse êle vermelho de cólera? E você, que pensa ser afinal?

Daquêle dia em diante falou com facilidade e objetivamente.

Agora essas entrevistas estão quase que eliminadas a não ser em casos muito especiais. Neill acredita, atualmente que, num ambiente de liberdade, a criança sòzinha vai desgastando os seus complexos. E que a melhor terapia, em qualquer caso, é a terapia do AMOR e da APROVAÇÃO que dá à criança a liberdade de ser ela própria, embora os seus efeitos demorem a aparecer e às vêzes aparecem sòmente depois do aluno ter deixado a escola. Se, em tôdas as escolas do mundo as crianças fizessem mais trabalhos manuais livremente, fizessem mais representações teatrais, dançassem, executassem esportes e música, haveria mais oportunidades para descarregar as emoções e dar expansão à capacidade humana de criar.

2. CO-EDUCAÇÃO

Meninos e meninas em Summerhill vivem na mais perfeita camaradagem, sem preconceitos existentes nas demais escolas. Esta camaradagem não se limita em frequentarem juntos as salas de aula como nas outras escolas mistas. Como não existe tabu sexual em Summerhill os adolescentes não demonstram aquela ansiedade em relação ao sexo dos meninos criados nos ambientes onde se considera o sexo pecaminoso. Não há ninguém espiando nas fechaduras das portas porque não há segredos a revelar. Os assuntos sexuais são discutidos levremente e cada aluno sabe a responsabilidade de um indivíduo no ato sexual. Por isso a liberdade funciona. Se aparece algum caso de amor ninguém o estimula mas também ninguém desencoraja a parelha. Apenas ambos são advertidos da responsabilidade de que enfrentam.

Como conseqüência de tudo isto os meninos e as meninas de Summerhill vão adquirindo um bom conhecimento do sexo opôsto, sem ilusões e vão treinando a maneira de lidar uns com os outros, o que lhes trará imenso benefício, mais tarde, na vida conjugal.

3. TRABALHO

Não há trabalho impôsto em Summerhill. Anteriormente houve uma lei em que todos os membros da comunidade eram obrigados a dar duas horas de trabalho semanal para a escola. Havia um pagamento mínimo, apenas com símbolo da recompensa e os que não trabalhavam pagavam a multa em dôbro. Porém muitos preferiam pagar a multa e os que cooperavam o faziam com os olhos no relógio. Esta lei acabou sendo abolida na Assembléia Geral. Quando foi necessário construir uma enfermaria não houve colaboração dos alunos porque o trabalho lhes parecia demasiado insípido. É claro que para os jovens uma enfermaria tem um interêsse muito remoto.

A experiência desta escola tem demonstrado que o senso de comunidade e de responsabilidade social só aparece depois dos 18 anos. Os interêsses da criança são imediatos e o futuro não existe para ela. Desde que haja liberdade não se consegue que nenhum aluno execute um trabalho no qual êle não esteja interessado. No entanto o mesmo menino que se nega a ajudar no cuidado do jardim ou na plantação da horta, é capaz de passar horas montando um rádio ou consertando uma bicicleta, o que demonstra que o trabalho com interêsse é uma das grandes alegrias da vida.

Exigir que uma criança trabalhe em algo que não lhe interessa significa roubar-lhe energias que deveriam ser aproveitadas em outra coisa que fôsse estimulante para ela.

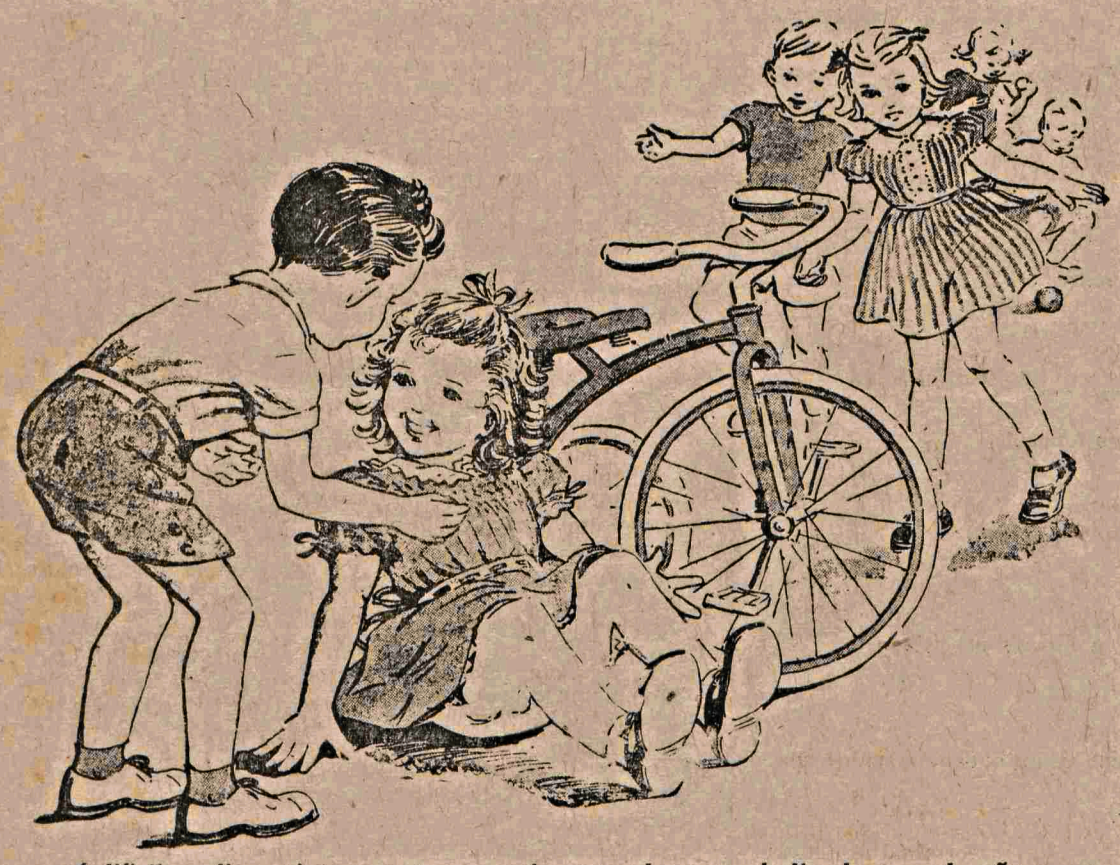
As crianças pequenas, até dez anos de idade, cooperam melhor porque fazem do trabalho uma fantasia que se torna realidade. Porém com os mais velhos isto já não funciona. Os adultos exploram freqüentemente as crianças, tirando-lhes o direito de brincar. Neill acredita que os seus jovens alunos quando deixam a escola são capazes de mostrarem altamente responsáveis porque puderam esgotar tôda a capacidade de fantasia na idade apropriada.

4. DIVERSÃO

Talvez o problema de diversão seja aquêle a que se dá mais importância em Summerhill. A experiência desta escola tem demonstrado que as crianças são como os gatinhos que necessitam estar sempre brincando, talvez para gastar energias e ao mesmo tempo para explorar o mundo que as rodeia.

Porém a diversão nesta escola está sempre acompa-

Conclusão na última página



É difícil avaliar até que ponto uma criança pode ser prejudicada quando não tem permissão para brincar o quanto deseja.

DE QUEM A CULPA?

Será que sabes a quem pertence a culpa de todos êstes males? A ti mesmo

És aviltado e mal pago. Vazio de esperanças e entediado de angústias. Vives num mundo de privilégios e abusos, de subversões e de roubos, onde a justiça é precária e as contradições abundantes. Queres construir o teu mundo, com o teu ideal, e os vôos de teu sonho se desmancham diante da incompreensão e a mentira. Em lugar de armazenares alegrias e virtudes, em teu coração, tu te desfibras ao impacto de tanta agressão permanente.

És limitado e pequeno em teus próprios recursos; apenas a simples máquina comum, irracionalmente movimentada, para a produção de riquezas que não chegam às tuas mãos, e a que dificilmente chegarás também. E é provável que, como nós, também não possas entender nunca que tanto capital e trabalho não sejam colocados integralmente a serviço do bem comum. Como nós, certamente não entendes a existência de tanta doença, e de tanta miséria, num mundo onde há fartura e mananciais de bens, para todos.

Todos os dias, em todos os quadrantes da terra, a imprensa te fala de crimes, de guerras, de mortes. Todos os dias, diante de teus olhos ignaros, desfila a enorme procissão dos pecados e males que arruinam o teu povo.

Será que ainda sabes quem é o teu povo? Terás entendido a razão de tua luta. Quais são os valôres em que acreditas e que efetivamente te salvam? Tu te consideras um homem, suficientemente esclarecido e forte, ou também és mais um covarde anônimo, na imensa falange dos fracos?

Agora, em meio ao rol comprido demais de danos que sofres em tua carne, sem remissão, encontras a farsa do aumento salarial, fixado por um Conselho que em absoluto tem meios de investigação e de cálculo para determinar com acêrto as majorações que ocorrem no preço de tôdas as utilidades. Tu sabes e nós todos sabemos, com o lápis na mão, que em cada ano a moeda mais e mais se avilta, e a porcentagem dessas elevações de despesas aumentam sem parar e sem conta. Entretanto, lá chegam os entendidos, com as suas amostragens de pesquisa estatística, para dizer-te aquilo que não corresponde, em absoluto, a nossa realidade e para justificarem as suas «técnicas» econômicas com sofismas surrados.

Então chegas a uma verificação que estarrece e chega a ser inacreditável. Graças à sonegação dos impostos, à proliferação do contrabando, às especulações da moeda através da agiotagem, que favorecem o acúmulo de capitais nas mãos de uns tantos afortunados, o govêrno não recebe os recursos de que necessita para realizar os seus empreendimentos sociais, e manter ainda a sua enorme, obsoleta e quase que inoperante máquina administrativa. Então, para sobreviver; para que sobrevivam uns tantos apaniguados; o govêrno aumenta seus impostos. Êstes são pagos por nós. Os potentados não podem ser incomodados, nem sofrer os mais mínimos abalos em seus tesouros polpudos. Nós que suamos as provações e as provocações da luta diária, suportamos nos ombros a patriótica missão de salvar o erário da fazenda nacional.

E se ficares doente? Em poucos meses, em hospitais que te sugam os ossos da cara, tu deixas as minguadas poupanças de tantos anos de trabalho, nas mãos de médicos que estudaram em universidades pagas com o teu dinheiro, e que também acumulam seus ouros graças ao sofrimento e à doença dos outros.

Será que sabes a quem pertence a culpa de todos êstes males? A ti mesmo. Ninguém tem mais culpas do que tu, que tanto te omites e acovardas, em lugar de lutar. Ninguém tem mais culpas do que tu que preferes alimentar os teus ódios, contra a opressão e os tiranos, esquecido de que renascerias mais ainda, se soubesses construir, com tuas mãos, em favor de ti mesmo, um mundo melhor.

Somos a grande maioria; o universo da produção; e entretanto somos tragados por minorias sutis, assalariadas até para solaparem o nosso potencial de esperanças. Temos os sindicatos à nossa disposição, pagamos as nossas mensalidades ou não, e lá ficam êles vazios, inoperantes, extraviados, manobrados por uns poucos, à hora das grandes decisões.

Não coloques as culpas nos outros; nem nas leis permanentemente mal feitas, nem nos governos que não nos podem valer; nem nessas côrtes de deputados altamente bem pagos, de discutível valor social em têrmos de produção ou de leis pragmáticas. A culpa é nossa apenas. A prepotência e a corrupção prevalecem porque não sabemos gritar. A miséria e a injustiça proliferam, porque não nos unimos. Até quando?

FERRER

LEIA E DIVULGUE «O PROTESTO»

Um jornal vibrante, de Ideias, Críticas e Combates

Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul

DEALBAR

PUBLICAÇÃO MENSAL

Registrado no 1º Ofício de Registro de Títulos e Documentos Livro B n. 3 sob n. 2.097

EXPEDIENTE

Redação e administração :

RUA RUBINO DE OLIVEIRA, 85

Correspondência :

C. POSTAL, 5739 — S. PAULO

Diretor responsável :

PEDRO CATALLO

Composto e impresso nas oficinas da Gráfica Trevo — Rua Garibaldi, 1093 — P. Alegre, (RGS) Os artigos são de responsabilidade de seus autores.

Fórmulas Mágicas

Achatamento + Residuo infracionário = fome, mortalidade infantil, intoxicação das massas

Gostaríamos dizer tudo de bom e do melhor a respeito dos homens que assumiram o compromisso de nos governar **melhor** que o fizeram os governos anteriores. Gostaríamos aplaudir o espírito de justiça e a orientação humana que imprimissem nas determinações de caráter público. Gostaríamos não ter motivos plausíveis para verberar a conduta de nenhum dos pró-homens que respondem pelo bom andamento da Nação. Sobretudo, não gostaríamos incorrer na suposição de que sejamos sádicos disfarçados em busca de oportunidades onde descarregar a morbidez acumulada. Gostaríamos, em fim, fazer e difundir amizades indiscriminadamente, em consonância com os nossos belos ideais de confraternização universal. Isso é o que nós gostaríamos. Mas, a iniquidade escandalosa de certas medidas anti-populares, contrariam frontalmente tôda boa vontade e a gente é obrigada a entrar na roda-viva dos acontecimentos. Acontecem fatos tão agressivos em suas conseqüências que, silenciá-los seria cumpliciar-se com êles e cair na arapuca daquele velho adágio que diz: «quem cala consente».

Nos primeiros dias do Ano Novo, talvez como um presente, num canal de televisão, o Ministro do Trabalho, reconheceu pùblicamente que nos dois anos anteriores os salários sofreram um indevido «achatamento», e que, êsse «achatamento», deveu-se a uma aplicação incorreta da **fórmula** salarial do govêrno anterior. Menos mal que não se tratava de uma **fórmula** medicinal, porque então teria morrido envenenada boa parte da população brasileira. Na longa duração de dois anos, essa fórmula incorretamente aplicada, só deu para intoxicar um pouco mais aqueles que vivem eternamente intoxicados pela carência do estritamente necessário. Aqueles que são sempre os que suportam as ingratas conseqüências dos êrros e acêrtos das **fórmulas** políticas. Prometeu ainda o benevolente Ministro, que os assalariados serão ressarcidos dos prejuizos causados pela malfadada fórmula. E com hábeis cálculos matemáticos expôs como se processará a retribuição daquele esbulho.

Com a longa prática de quase cinqüenta anos de lida sindical, temos absoluta certeza de que os trabalhadores jamais serão indenizados dêsse criminoso desfalque de que foram vítimas pelo govêrno anterior. Sabemos que a demagogia política tem mil faces e cada face mil formas diferente para explicar as fraudes que vitimam os que vivem de baixos salários. Agora mesmo, no preciso momento em que o titular da Pasta do Trabalho fala em reabilitar os salários afetados, a Prefeitura de São Paulo acaba de cometer mais um dêsses imperdoáveis abusos. Enquanto que os funcionários de nível universitário recebem o substancial aumento de 72%, os que tiveram a infelicidade de não conhecer Universidades e como se fôssem culpados por isso, recebem ùnicamente 20%. Aí está uma ótima oportunidade para que o Sr. Ministro do Trabalho mostre a veracidade das suas intenções. Por que 72% para uns, 20% para outros? O arroz, o feijão, o açúcar, o pão, o leite, os remédios e etc. etc., não custam igual para todos? Estas coisas não passam despercebidas aos trabalhadores e muito menos ao comunismo que está sempre pronto a mostrar as deficiências da «democracia».

Evidentemente, o critério adotado pelo Sr. Faria Lima na distribuição dêsse aumento, não obedeceu ao bom-senso e nem aos mais comezinhos princípios de humanidade. Vê-se, claramente, que não teve em mira consultar as necessidades dos contemplados, ou, pelo menos, da maioria dêles; usou apenas, o mesmo processo que se aplica na transação de mercadorias, isto é: **oferta e procura.** Sabe-se que a mercadoria que mais avulta na praça é, precisamente, a de ordem proletária, e, esta, para o Prefeito da cidade que mais cresce no mundo, Vale sòmente 20%. Enquanto que, a nível universitário, sendo mercadoria escassa, sua cotação vai a 72%. Essa desproporção aviltante e insultuosa só poderá ser explicada pelo Ministro do Trabalho por meio de fórmulas mágicas compreendidas dentro das mil faces da demagogia política. Pois, nenhum mortal, bem-equilibrado, pode admitir que as necessidades morais, físicas, fisiológicas e quejandos dos funcionários de nível universitários, sejam maiores que as que palpitam nos enfesados corpos dos servidores municipais. Bem analizados, talvez êstes precisem maior assistência alimentar, desde que a natureza de suas ocupações brutais, pesadas e anti-higiênicas, exigem maior dispêndio de calorias.

Simultâneamente à entrevista em que o Sr. Ministro do Trabalho referia-se aos salários baixos, estourou, pelos jornais, uma notícia que pode ser taxada de escandalosa e que representa um verdadeiro escârnio aos 20%.

Os vereadores de São Paulo, tranquilamente, impassìvelmente, acresceram os seus honorários a partir de dezembro, com meio milhão de cruzeiros. Cinco salários mínimos mensalmente agregados aos polpudos estipêndios dos «dinâmicos» componentes da câmara Municipal, enquanto o «arrôcho salarial» contorce as vísceras dos trabalhadores e suas famílias. Tôda a lógica exposta pelo Sr. Jarbas Passarinho foi difinitivamente pulverizada pelos impassíveis e sossegados vereadores desta mastodôntica metrópoles, que mostraram, que o «arrôcho salarial» é uma torpeza válida sòmente contra os indefesos e desvalidos trabalhadores. Fatos dessa natureza só podem ser qualificados de abusos, abusos porque o proletário tem que alugar seus braços a qualquer preço se não quer transformar-se em ladrão ou morrer à mingua pelas sarjetas.

A grande diferença entre as afirmações do Ministro do Trabalho e a realidade ambiente está no seguinte quadro demonstrativo:

Aumento mensal para :	
vereadores NCr$	500
nível universitário	72%
proletários	20%
ressarcimento	000

Tem a palavra o Sr. Ministro...

P. Drinho

LEIA E DIVULGUE «O PROTESTO»

«O PROTESTO»

Acaba de aparecer em Pôrto Alegre e já se encontra em seu 4.º número, o jornal mensário «O PROTESTO» que traz como sub-legenda: Idéias, Crítica e Combate. Surgiu por iniciativa de um grupo de companheiros nossos que levam dentro de si a mesma inquietação e inconformismo que anima a todos aquêles que desejam que o mundo tome um rumo tranquilizador e justo. É um jornal robustecido pela seiva de jovens estudantes que não se deixam envolver pela onda avassaladora de vícios e degradações onde naufraga boa parte da nossa juventude desprevenida. Eclético em suas matérias e de feição bem cuidada, leva enunciado em suas páginas o otimismo próprio de quem tem certeza do advento de melhores dias.

Parabens aos nossos irmãos gauchos e que «O Protesto» tenha uma longa vida cheia de belas realizações.

São os votos de «Dealbar»

Um jornal vibrante, de Ideias, Críticas e Combates.
Peça sua assinatura à rua Dos Andradas — 1543
2.º andar - sala 5
PÔRTO ALEGRE — R. G. D OSUL

28-II-68

BOAS FESTAS

A todos aquêles amigos que tiveram a gentileza de nos enviar mensagens de bons augúrios para o próximo ano, agradecemos e retribuimos por intermédio destas linhas, essa manifestação de elevados sentimentos, na certeza de que tudo faremos para que os anos vindouros sejam realmente melhores. Que as felicitações cheias de boas intenções que recebemos, se convertam em realidades sociais para que a alegria e a fraternidade de cada fim de ano, seja a recompensa de cada dia para todos.

«DEALBAR»

HUMANISMO

Fale êle italiano, russo ou japonês, alemão
ou chinês,
se lhe estenderes franca e livremente a mão:
— será teu irmão!
Fale êle português, inglês ou castelhano,
tenha nascido na Ásia, África, Oceania
ou seja americano,
se ao seu lado estiveres na hora do perigo:
— será teu amigo!
Fale ela italiano, russo ou japonês,
francês
ou o idioma que fôr,
se a tomares nos braços e beijar-lhe a bôca:
— será teu amor!
Mas... pode êle nascer até na tua casa,
ter teu sangue nas veias
morar mesmo contigo,
partilhando uma herança ou disputando um bem:
será teu inimigo.
Volta, pois, para o teu lar, para o teu campo,
teu escritório ou tua oficina,
e larga essa arma assassina
que te trará remorsos, ou quem sabe? — horror...
— e vive em paz com o teu trabalho,
com os teus amigos, com o teu amor!
E vê se agora não erras...
Tens a chave que explica o segrêdo
de tôdas as guerras!

J. G. de Araujo Jorge

Contribuições

Germinal, NCr$ 5,00; Severo, NCr$ 1,00; Paco, NCr$ 3,00; João, NCr$ 5,00; Antônio, NCr$ 5,00; Jaime, NCr$ 5,00; Gaf, NCr$ 3,00; Gumersindo, NCr$ 15,00; Sebastião, NCr$ 5,00; Dr. Lyra, NCr$ 5,00; Walter, NCr$ 10,00; Cecílio, NCr$ 5,00; El Paso, NCr$ 5,00; Mara Valverde, NCr$ 1,00; Varia Valverde, 4,00; Ney, NCr$ 5,00; Navarro, NCr$ 0,50; Bastos, NCr$ 20,00; Almeida, NCr$ 10,00; Waldemar, NCr$ 2,00; Atílio, NCr$ 6,00; Sta. Fe Argentina, NCr$ 18,00; Genarino, NCr$ 2,00; Severino, NCr$ 2,00; S. Gomes, NCr$ 10,00; Guerra, NCr$ 1,00.

São Paulo, 24/1/68

CENTRO DE CULTURA SOCIAL

AGRADÁVEL VISITA

Por motivo das festas do fim de ano, recebemos a alegre visita de alguns jovens estudantes vindos de vários pontos do país e que já conhecíamos como assíduos leitores do nosso jornal. Ademais do grato prazer de conhecermo-nos pessoalmente, êsses jovens animados da inquietação inteletual e espiritual que tanto caracteriza o estudante de hoje, manifestaram o desejo de alternar os momentos de esfusiante convívio fraternal com o debate de alguns temas de atualidade social. O interêsse por êles demonstrado no conhecimento de doutrinas econômicas, políticas e sociais que poderão influir decisivamnte na transmutação social que se vai paulatinamente verificando, foi verdadeiramente notável e nos leva a crêr que êstes jovens não pretendem, no dia de amanhã, ser sòmente excelentes profissionais, mas também cidadãos pensantes e participantes do destino que norteará o país.

Foram dias de intensa e inesquecível camaradagem que partilhamos com êles, e pudemos aquilatar a maturidade inteletual que predomina nos meios estudantis, de onde resulta o acendrado inconformismo externado com protestos e passeatas contra as disciplinas e o superado método escolar. A juventude quer chegar aos problemas sociais muito antes de envelhecer e quer conhecer e participar ativamente na construção do mundo em que ela mesma deverá viver. As suas irreverentes atitudes encontram justificação na condição irretorquível de que são os homens responsáveis pela vida social do dia de amanhã. Do breve encontro que tivemos com êste punhado de moços, sentimo-nos autorizados a dizer que, a maior parte desta nova geração representa uma animadora promessa para a renovação da sociedade.

Os jovens visitantes foram obsequiados com um espetáculo teatral organizado pelo Laboratório de Ensaio do Centro de Cultura Social, com a brilhante participação da Equipe Mista de Amadores Teatrais. Foi representada a peça em um ato de Willian Saroyan, intitulada: «Aló, Alguém Lá?» O texto foi hàbilmente desenvolvido pelos jovens artistas que revelaram sensibilidade de interpretação, particularmente os dois intérpretes encarregados da parte amorosa que foi transmitida com tôda ternura e delicadeza. A moça conseguiu fundir a sua timidez natural com o pudor próprio da personagem que viveu surpreendida com uma declaração de amor inesperada. Com o papel muito bem decorado pôde transmitir tôda a candura da subtileza feminina e saiu-se muito bem.

A peça obedeceu a seguinte distribuição:

Rapaz	Luiz Antonio C. Lopes
Môça	Maria Rosa Cruz
Homem	Luiz C. La Falce
Mulher	Terezinha Pinheiro
2º homem	Douglas Franco
3º homem	Farias Magalhães

Iluminação — Clemente Viscaino e Décio Vieira de Melo.

Direção — de Luiz Antonio C. Lopes

Os dois Luizes: Antonio C. Lopes e C. La Falce, se encumbiram de fechar o espetáculo com uma engraçada adaptação de um poema de Carlos Drumond de Andrade: «Havia Uma Pedra No Meio Do Caminho».

O espetáculo agradou em cheio e o público aplaudiu muito.

Canção que deixo

Lira de Píndaro em pulso,
hei de dizer-te, e hei de dizê-lo, amada,
os homens te possuíram,
não te indagaram.

Uns, o fizeram com a foice,
outros, com a enxada,
uns, cantando-te em estúpidas estrofes
de ciência de Pitágoras.

Outros, sulcando por teus mares
atrás de muito, ou nada,
— sempre a quimera em mente,
por desertos, por montanhas —.

Uns, com mil desejos paranóicos
de ver-te desintegrada,
dão ciência aos mil relógios loucos
da ciência que ultimaram.

Outros, desceram ao teu íntimo...
E sentiram-se únicos da riqueza ofertada
cortando-te em pedações
com mil agudas lâminas.

E de qualquer maneira, amor,
com formas que existiam e outras procuradas,
os homens te possuiram,
mas não te indagaram.

Para uns, deixo minha canção,
para outros, minha ira com próprio sangue rubricada,
e para ti, por ti
Meu coração em lágrimas.

Germinal de Amor

CATEQUESE

Teve lugar, no dia 21 próximo passado, em nossa sede do Centro de Cultura Social, Laboratório de Ensaio, o muito esperado recital de poesia do jovem poeta Lindolf Bell.

Arauto de uma necessidade poética mais em concordância com o captar melancólico de uma sociedade que se decompõe em estúpidas guerras e mercenários ódios, e em que os valôres do humano, mais humano valem coisa alguma em todos os quadrantes da terra, chegando-se, por tal, às raias do cáos mais negro, Bell é um poeta a quem a poesia feita grito de justiça e clamor de amor com real raiz lhe corre nas veias igual ao próprio sangue. Daí que sinta necessidade de levá-la a colégios, teatros, estádios, e sobretudo às práças públicas, como que antecipando-se, na prática, com galhardia e honestidade maior, ao dizer de não sei que poeta que diz que será pela poesia, mais nada, que a humanidade encontrará o caminho da verdadeira felicidade terrena...

Do nosso lado, pelo que de libertária e poèticamente pensamos e agimos, só podemos dizer: muito obrigado pela belíssima noite que nos proporciona o Bell, e sem mais nada, que nosso fraternal abraço seja contigo.

GERMINAL DE AMOR

CANSIONES Y POESIAS

de Germinal de Amor

Com um despretencioso libreto acaba de estrear em poesia o nosso jovem companheiro «Manolo», assim chamado na intimidade.

Escritas em idioma castelhano, as suas poesias trazem a sensibilidade própria do verso Lírico espanhol, com assomos de «Cancionero Gitano» e, quem sabe, retalhos de recordações da terra em que nasceu. Suas frases revelam a simplicidade dos primeiros passos na difícil Arte da Métrica e concomitantemente agitam os pendores irreverente do jovem Vate que procura galgar os cumes vertiginosos da poesia.

Esperamos que o próximo ensaio de Germinal de Amor seja feito em língua portuguesa, tão rica e maleável nos manejos poéticos e para que os seus versos tenham maior difusão entre nós

Parabens «Manolo»

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

A VIOLÊNCIA E A GUERRA ATRAVÉS DA HISTÓRIA

Berthélemy da Ligt

É impossível evidentemente desconhecer o relativo papel benfazejo da violência e da guerra na história da humanidade e suprimir qualquer delas por simples gesto pacifista. No curso da história universal, a violência tornou possível tôda sorte de civilização e mesmo a guerra, essa abominável crueldade, provocou inumeráveis vêzes o belo e o sublime. Sob êsse ponto de vista, não há nenhum desacôrdo entre os sociólogos burguêses e Marx, o socialista, ou o anarquista Proudhon.

Todavia, a guerra é UM FENÔMENO NÃO-BIOLÓGICO, MAS HISTÓRICO; não é consequência da natureza humana como tal, mas sim de certas circunstâncias sociais, econômicas e políticas, produto de um dado momento e que vêm a desaparecer um dia. Sòmente o combate expontâneo apresenta características biológicas; mas a cruenta luta coletiva, preparada sistemàticamente, encaminhada por técnica homicida consumada, empreitada por motivos mago-metafísicos, econômicos, sociais, políticos, religiosos ou civilizadores, esta luta violenta entre os homens é na evolução da raça humana, fenômeno relativamente recente. Segundo a mais prudente estimativa da ciência moderna, a existência do homem na terra remonta há mais de 500.000 anos, enquanto a guerra não data senão de várias dezenas de séculos atrás. (1)

Sem dúvida, a sangrenta luta coletiva tornou possível tôda espécie de paixões e apetites, de instintos de agressão, instintos de destruição e até mesmo de destruição de si mesmo. Mas, apesar disso, cêdo o homem primitivo foi pacífico antes que belicoso, por sua natureza, e os povos menos desenvolvidos da terra o são ainda, a medida que vivam fora do contato da civilização mais... evoluída. Segundo competentes etnólogos, as primeiras armas não serviram para matar os homens, mas sim os animais. (2)

Por outro lado, durante séculos, a violência coletiva apresentou caráter MUITO MAIS PRIMITIVO do que hoje. Sem dúvida, suas consequências foram sempre terríveis, sobremodo para os vencidos, e para inumeráveis valores culturais, destruídos por ela. Vista desde há muitos e muitos séculos passados, a guerra jamais fez, no curso de milhares de anos, tanto mal quanto agora. Na história de tôdas as tribus, raças e povos reunidos, pôde-se estabelecer um tanto favorável entre fôrças destrutivas e construtivas, entre o extermínio e a creação, entre o morticínio e a civilização, de tal modo que, apesar de tôdas as violências e de tôdas as guerras, a cultura humana se eleva acima das civilizações e que, afinal de contas, os valores positivos prevalecem sôbre os valores negativos. Por mais cruel que tenha sido, a violência colaborou durante séculos na unificação da humanidade ainda ilhada. Já as primeiras sociedades humanas, apenas diferenciadas, elevando-se ao primeiro estágio de evolução, graças à guerra sobretudo, se afastaram mais do seu estado anterior do que as borboletas das suas crisálidas e estas das suas larvas originárias.

De diversos modos, a guerra favoreceu o comércio e os meios de comunicação, as artes e as ciências. Desempenhou até papel muito importante na história da pedagogia e, principalmente, a auto-disciplina (contrôle interior), não a devemos sòmente aos antigos mágicos, padres, santos e místicos, mas igualmente aos guerreiros. A coragem, tão rara hoje em dia, foi, também ela, despertada e cultivada pela guerra. Certas concepções tais como «alma viril», «virtude máscula», como aliás o vocábulo «virtude» (VIRTUS), provêm todos de ideologias e mentalidades guerreiras. Enquanto o combate expontâneo primitivo visava principalmente à satisfação das necessidades humanas imediatas e diretas — ainda que aqui já os interêsses e o futuro da raça estivessem em jôgo, indireta e frequentemente, como por exemplo na luta pela sobrevivência do indivíduo e da espécie, — a guerra apresentou cada vez mais CARÁTER INDIRETO, isto é, civilizador, e foi pôsta porisso a serviço do futuro social, político e cultural da humanidade: aprendeu-se a se sacrificar e a renunciar aos interêsses imediatos mesmo com alegria.

Deve-se mesmo reconhecer que **tôdas as civilizações** têm sido até aqui fundadas na violência e que de certo modo têm-se mantido graças à violência: nenhuma delas jamais soube liberar-se completamente dêsse degradante vício. E essa argumentação é também válida para aquelas mais pacíficas, notamente a chinêsa que, aliás, depois de algum tempo, mostra pendor cada vez maior para os métodos violentos. Não há razão de se admirar porisso, pois tôdas as civilizações não se têm resumido jamais até o momento, senão no fato de as minorias ou elites sociais, de tôdas as épocas, se deixarem dominar por números relativamente pequeno de homens inescrupulosos e privilegiados cuja grandiosidade provém ùnicamente da expoliação de coletividades humanas cada vez maiores. Tôdas as civilizações são **edificadas piramidalmente:** um cume de ouro com fausto rutilante, encimando uma estrutura orgânica social, sustentada por larga base, constituída descendentemente por camadas humanas cada vez mais oprimidas e empobrecidas, até chegar à mais negra miséria. É dessas profundezas obscuras e desgraçadas que os «bem colocados», nos diferentes planos da pirâmide social, tiram inexorávelmente seu prestígio e sua glória.

É de todo evidente que, para manter-se de pé tão monstruosos organismos sociais, tinha-se que recorrer à violência. Mas esta violência de cima para baixo devia fatalmente provocar outra violência, porém em sentido contrário. Êste fenômeno social que se repete ao longo de tôda a história da humanidade, bem poderia ser chamado de VIOLÊNCIA VERTICAL. Esta violência se manifesta principalmente, hoje em dia, na luta de classes; apesar das mais belas palavras, pronunciadas a respeito da «unidade nacional», o Exército Nativo está preliminarmente voltado contra o «inimigo interior», isto é, preliminarmente as massas camponêses, proletárias e pequeno burguêsas, que poderão de um momento para outro se revoltarem.

Por outro lado, tôdas as civilizações tenderam à expandir-se, umas em detrimento de outras e, principalmente, daquelas material ou fìsicamente menos fortes, ainda que tas fôssem mais avançadas sob o ponto de vista cultural. A guerra, a luta de classes, a propriedade privada, tudo isso surgiu quase ao mesmo tempo. E através dos séculos as classes dominantes souberam sempre arrogar-se cada vez mais o monopólio da violência por intermédio do Estado (Lo Stato), palavra que data da Renascença italiana e que significava originàriamente «os dominadores» e o partido que os representava»). De há longo tempo, conseguiram aumentar o poder do Estado, de tal modo que, atualmente, — segundo o sociólogo alemão Carl Schmit, — a autoridade política suprêma é caracterizada pelo **jus belli** ou seja o direito de declarar e fazer a guerra, «direito» que, para to Govêrno, está incluído em outro, o de exigir a todo instante, a **todesbereitschaf un totungsbereitschaf,** isto é, que se esteja pronto a matar e a morrer, nas guerras seja lá quem ou por que objetivo fôr. Êste atributo típico da soberania política ainda foi vigorizado pelo Pacto da Liga das Nações (3)

De tudo isso decorre o que bem poder-se-ia chamar, na história humana, de VIOLÊNCIA HORIZONTAL, que não deixou de tender, como era inevitável, para a Grande Guerra de 1914/1918. Quando se fala de «guerra», trata-se comumente dessa «violência horizontal», voltada contra o «inimigo exterior». Compreende-se também por êste nome, tôda sorte de «guerras civis», «guerras religiosas» e outras mais, que aliás coincidem frequentemente com as guerras políticas, econômicas e classistas.

A luta armada coletiva de que se trata aqui, foi travada em sentido horizontal, isto é, por sôbre a superfície da terra. Sua consequência inelutável foi a destruição de fronteiras após fronteiras.

Dêsse modo, a guerra já colaborou, apesar de tudo, num longo processo de unificação, raças e povos. Sob êste aspecto, a **deificação** da potência de guerra (ver a divindade Marte, por exemplo), teve certo senso cultural, e os grandes conquistadores da antiguidade cumpriram, com efeito, missão mais ou menos «divina». Não foram êles, em tôda parte, considerados homens providenciais? A violência coletiva cada vez maior pôde, não apenas proteger as mais antigas civilizações contra incessantes investidas de bárbaros rapaces, mas, além disso, favoreceu grandemente a **interpenetração e interdependência** das tribus, das raças e dos povos. Alexandre, o Grande, cumpriu função extraordinária, na História Universal, durante o transcurso da segunda metade do século IV A.C., unindo definitivamente, através das suas guerras, a Ásia à Europa (êle se considerava não sem alguma razão uma espécie de deus).

A sêde de conquistas dos romanos tornou possível a difusão das mais pobres tradições civilizadores dos povos da Ásia Menor, do Egito e da Grécia, até às costas selvagens do Mar do Norte. As Cruzadas — ainda que tão pouco cristãs fôssem e apesar das atrocidades cometidas contra os judeus e os pagãos — abriram novamente o mundo ocidental às influências da cultura oriental e prepararam largamente o advento da Renascença e da Revolução Burguêsa. A violência calvinista assegurou o triunfo da Reforma diante das tentativas da Contra-reforma. Finalmente, da guerra de oitenta anos contra a Espanha, nasceu a liberdade política da Holanda.

Mesmo as guerras coloniais dos brancos, tão rapaces, têm favorecido apesar dos inumeráveis crimes a unificação econômica e cultural da terra, que só foi conseguida, açoitando-se os povos asiáticos, adormecidos numa letargia secular, até torná-los auto-conscientes. E sabe-se de que modo a «europeização da Ásia provocou a revolta desta contra a Europa». (4)

Mas considerando o quanto a ciência militar se desenvolveu, depois de Napoleão sobretudo. Parece que a técnica guerreira atingiu hoje o seu mais alto ponto de perfeição. A medida que a civilização moderna se torna dia a dia mais complexa e refinada, oferecendo porisso mesmo maior vulnerabilidade, o mundo se encontra muito bem adestrado para aumentar o poder devastador da guerra de modo que se vê as fôrças destrutivas progressivamente prevalecerem sôbre as fôrças construtivas. Entretanto, a guerra moderna, ela mesma por mais insensata que fôsse, não deixou de ter lá o seu valor civilizante. Ela provocou imensa revolução proletária que, apesar dos inumeráveis êrros e fraquezas, — e em particular, o recurso à incrível violência, de que falaremos mais tarde, —deu rumo nôvo à vida de dezenas de milhões de sêres humanos. Favoreceu a luta emancipadora das nações oprimidas e das raças expoliadas, como também o desenvolvimento da medicina e da higiêne, e a emancipação da mulher. etc.

Finalmente, por mais feroz que tenha podido ser o processo guerreiro que jogou abaixo fronteiras trás fronteiras, a guerra tornou possível o desenvolvimento da uma consciência humana cada vez mais ampla: as raças e as civilizações em se entremeiando sem cessar, fizeram com que surgisse à distância a idéia da Humanidade. Apesar das numerosas oposições de classes, raças e tradições, algumas criaturas excepcionalmente dotadas, acabaram por adquirir a noção de **gênero humano,** a qual ultrapassando tôdas as fronteiras oficiais, foi também se enraizando cada vez mais. Veio-se a descobrir o próximo, mesmo nos países inimigos; o antigo inimigo, no escravo; habituou-se a ver, no adversário, um outro... semelhante. Desde há uns 800 anos A.C., viu-se formar em tôrno dos homens e mulheres, nas mais desenvolvidas civilizações, alta intuição e profundo sentimento de solidariedade e de consciência mundial e humana. Na China, Índia, Ásia Menor e Grécia, começou-se a compreender que a violência, não apenas nas relações humanas, mas também nas sociais e nacionais, não poderia ir além de coisa provisória e passageira; que, na história universal, dever-se-ia cogitar sempre e cada vez mais da unidade civilizadora do globo inteiro, da **auto-realização da humanidade no universo;** e que ter-se-ia necessidade, para esta realização de si mesmo, de luta cada vez mais intensa e, por outro lado, cada vez menos violenta, já que os meios violentos deviam-se revelar cada vez mais flagrante conflito com a verdadeira natureza humana e com o mais sublime objetivo da vida.

Eis aí, despidas de todo véu mágico e de tôda influência mitológica, as conclusões essenciais dêsses precursores da nova humanidade:

a) — as violências geram violências, umas após outras, e guerras trás guerras;

b) — os impérios cada vez mais vastos despedaçar-se-ão mútua e ferozmente, de modo tal que finalmente, a guerra, a fome e a peste assolarão a terra como jamais;

c) — então, todo sistema mundial de violência desmoronar-se-á e a paz, mundial, tão intensamente esperada pelas classes sociais sofredoras, virá enfim, e a justiça será feita para todos sôbre a face da terra.

Êsses descobridores e anunciadores de perspectivas futuras não formaram, durante muitos séculos, senão **raras excessões.** Eram considerados pela opinião pública — que continuava em suas antiquíssimas tradições, cada vez mais em desuso, — como negativista, talvez não antipáticos, mas tanto mais perigosos.

Em certos momentos críticos da história humana, os poderes oficiais livraram-se dêsses idealistas, qualificando-os de loucos, quando não os martirizava, prendia-os ou matava-os, como criminosos vulgares.

Sem dúvida, em condições geográficas, econômicas e políticas favoráveis, desabrochavam aqui e ali algumas civilizações relativamente pacíficas, onde **a crença na significação divina da violência** foi não sòmente se enfrequecendo, mas também acabou por completo, em países tais como a China e a Índia. Mas, lá no fundo ainda, a violência fica mais ou menos latente, podendo, tôda ela, a qualquer momento readquirir seu estado agudo. Olhando de relance tôda a história do nosso planeta, deve-se reconhecer que a VIOLÊNCIA HORIZONTAL, como a VERTICAL têm desempenhado nela, até o momento presente, um papel extremamente importante. Não há uma civilização sequer que, afinal de constas, não se tenha baseado senão na violência. Todo o «direito» — verificou Dudolf von Ihering — foi gerado pela violência e não pode senão ser defendido pela violência. Ainda em nossos dias, o direito é impôsto e mantido pela fôrça.

(1) Veja sobretudo ELLWOOD, «Cultural Evolution».

(2) Vide BARTHÉLÉMY DE LIGT, Le Détrônement de la Guerre, «Evolution», março de 1.931, página 38/42.

(3) Veja CARL SCHMITT, Begrigf des Politischen, «Archiv. für Zozialwissenchaft und Sozialpolitik», 1927 páginas 1/33. Cf. o livro do autor intitulado «Contre la Guerra Nouvelle», páginas 193/194; FUNCK-BRENTANO, «A Renascença», página 12: Funck-Brentano dá exemplos contundentes de tal mistura de guerras; a guerra dos Cem Anos que, segundo êle, foi muito mais guerra civil do que luta entre potências estrangeiras: «Luta do artesanado contra o patriciado, das corporações de artistas manuais contra o direito de linhagem, dos Bourguignons contra os Armagnacs, dos «clauwaerts» contra os «leliarts» em Flandres; como na Itália, a luta do «povo miúdo» (popolo minuto) contra «povo graúdo (popolo grasso), dos guelfos contra os gibelinos, dos «brancos» contra os «negros». Os textos latinos dizem «minores» e «majores». Em França, o partido popular é geralmente denominado de «comum».

(4) GROUSSET, «Le Réveil de l'Asie», página 111.

LUZEZ QUE ACENAM

Transcrevemos de «A REGIÃO», jornal dos Municípios da zona Oeste da Capital Paulista, trechos de um artigo do Dr. Vivaldo Simões, cujas referências elogiosas ao nosso modesto «Dealbar», nos desvanece e agradecemos penhoradamente.

FIM DE UMA CIVILIZAÇÃO

Dr. Vivaldo Simões

PEDRO CATALLO é o diretor responsável pelo jornal «Dealbar». Sua capacidade de trabalho é inesgotável. Surpreendente tanto quanto elevado, o seu pensamento a respeito do equilíbrio e da harmonia entre tôdas as coisas e todos os sêres, transcende nossa imaginação.

Não é apenas um simples jornal. É antes de tudo uma tentativa de ensaio e, sobretudo, uma afirmação de coragem e sinceridade para com o nosso meio, cheio de convencionalismo e artifícios sociais. Parece-me ser um grito forte e destemido de uma inteligência «rebelde», talvez identificada com o movimento de novas ou velhas idéias, que vem agitando o mundo contemporâneo, saído dos escombros fumegantes dos grandes cataclismas de 1914 e 1939.

«A falsa e a Verdadeira Fraternidade Universal», tema de um belo trabalho e que dá a impressão de uma luminosa indignação no meio de uma sociedade em fermentação, parecida com «Sodoma e Gomorra» que vai caindo, ruindo-se e se transforma em pó.

«Cincoenta anos de vã esperança» — outro tema desta vez de Pedro Catallo que fixa quadros reais da vida como uma placa fotográfica. Espero que suas produções sejam frutos abençoados que hão de saciar muitos corações.

«O terceiro mundo será melhor?» assinado por Jean Cohen, deixou em meu espírito, uma impressão indelével. Li tôda a página de alto a baixo. Forte — corajoso, intrépido, lúcido, sadio. Talvez seja mesmo a expressão de uma alta cultura social. Sem dúvida é um cascatear de idéias novas, independente, corajoso que, vem de comprovar a inteifeza moral e a intrepidez do autor.

Ninguém pode afirmar: «Esta é a minha fé definitiva» É outro artigo dêste singular jornal de São Paulo. Verifiquei um ponto doutrinário, uma espécie de «bombardeio» contra velhas estabilidades sociais, operando com átomos mentais liberadores de impetuosíssimos pensamentos novos. Acreditar em alguma coisa é muito importante e principalmente quando se trata de um estudo erudito, inspirado nas doutrinas de amor e paz. Li êsse artigo com muito interêsse porque comunica elevado sentimento e uma grande mensagem cultural.

«Dealbar» — significa purificar — branquear uma nova civilização. Fixar o homem, pelo homem, imprimindo a cada um de nós, uma tarefa na história da humanidade. Embora simples na exposição, é todavia, vigoroso, interessante e maravilhoso em seu conteúdo.

Tôda a humanidade está precisando de sérias advertências, muito especialmente os incrédulos e céticos. A mensagem enviada através do «Dealbar» está banhada de imensa coragem moral.

E, guardo com especial carinho, duas máximas: uma contida nos Salmos LXVII — «O Senhor dará palavras de grande eficácia aos que com muita coragem anunciam a Boa Nova e a outra: «O homem mais forte do mundo é o mais solitário».

Não é só a encantadora simplicidade de estilo que êste jornal transmite, é a originalidade dos temas, a surpresa da observação, a justeza das afirmações, sempre verdadeiras mas que, bem poucos sabem observar e compreender. Explêndido, verdadeiro, nôvo, o seu jornal. Parabéns ao Diretor, à redação, à administração e a todos quantos colaboram nestas páginas, onde a vida se dilata de infinito a infinito, como benéfica mensagem a tôda humanidade.

Trechos de uma carta amiga

Prezados companheiros
de «Dealbar»

Recebam o meu fraternal e apertado abraço, que se faz acompanhar de minha entusiástica palavra de aplauso e de estímulo ao trabalho perseverante, de tôdas as horas, em prol dos direitos inalienáveis da humanidade dos nossos dias, abandonada à sua própria sorte e trabalhada pela ação deletéria dos que pretendem, apenas e tão sòmente, continuar explorando-a ainda mais. Ainda bem que «Dealbar» veio na hora precisa, exata mesmo, em que as clarinadas de luminoso alvorecer conclamam os homens idealistas e corajosos, que são em número reduzido, é certo, mas que, dentro das naturais possibilidades, estão capacitando a muito fazer pelo bem geral da enorme maioria dos desprotegidos de todos os matizes.

Prossigam, denodados companheiros, na luta sem tréguas nem quartel, na campanha libertária que não conhece fronteiras e se processa onde quer que haja alguém precisando de nós. Já agora caminhamos a passos resolutos e firmes, sentindo que aumentam, embora lentamente, os operários da grande seara da liberdade, e tempo virá em que a erva daninha da opressão não medrará. Continuemos, pois, e nos capacitemos de que os frutos virão e nós todos os experimentaremos com a conciência límpida e tranquila de lutadores vitoriosos, idealistas que transplantaram os seus princípios fundamentais, básicos, para a esplendente realidade.

De minha parte, contentar-me-ei em dar um pouco das minhas energias vitais pela causa sublime que nos une e congrega, vou fazendo o que posso e as minhas leituras libertárias acabam de ser ampliadas com o jornal «O Protesto», que recebo regularmente.

Agora, caros irmãos de ideais, resta-me augurar-lhes um 1968 profícuo e dinâmico, no decorrer do qual possamos ver atingidos muitos dos nossos objetivos de fraternidade universal.

João Marques Guimarães

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

dealbar

A IDÉIA É COMO A GÔTA D'AGUA. PODE REFLETIR A IMENSIDADE.

Diretor: PEDRO CATALLO

Redação e Administração
Rua Rubino de Oliveira, 85
Correspondência: Caixa Postal 5739
São Paulo

Ano 2 - Número 12 — FEVEREIRO DE 1968 — Preço NCr$ 0,20

O Solidarismo nas iniciativas de ajuda mútua

Com origem em distanciada época, surgiram, por iniciativa particular, e ainda existem, as Irmandades, com exteriorizações religiosas, tendo por finalidade prestar, aos seus membros, socorros em casos de enfermidade, de velhice, de falecimentos, etc.

— Antiquíssima é também a atividade das sociedades de socorros mútuos, existentes em todo o País, reunindo elementos de empresas, de corporações, de colônias, de classes. Destinadas a prestar auxílios em casos de enfermidades, de desemprego, de velhice, de falecimento, bem como a fornecer pensões, etc., essas associações são de iniciativa particular, mantidas e dirigidas por seus componentes, chegando muitas a tomar grande vulto, várias delas com prédios e hospitais próprios.

— Animadas igualmente por êsse sentimento de solidarismo, há associações constituídas por iniciativas de pessoas vítimas de certas moléstias, como, por exemplo, a de diabéticos, que buscam, assim, por meio da ajuda mútua, soluções para a sua situação.

— No terreno da ajuda mútua há associações de iniciativa particular que tomam modalidades as mais diversas, com atuação internacional, como o Touring Clube, destinado a prestar serviços relacionados com as exigências de automobilistas particulares; o Diner's Club, que, por meio de uma caderneta associativa, ficam os seus componentes habilitados a fazer consumações em hoteis, restaurantes, bares, «boites», etc., indicados por um emblema da associação geralmente à vista nos estabelecimentos especializados; o Club da Lady, composto de mulheres, que, pelo mesmo processo acima indicado, ficam habilitadas a fazer compras nas casas indicadas, a participar em reuniões sociais que promovem periòdicamente, e a participar de cursos de educação doméstica, além do entrelaçamento de relações familiares.

Dentre as iniciativas de livre organização e de ajuda mútua surgidas no ambiente negativo da sociedade vigente no Brasil destaca-se o Cooperativismo, que vai tomando dia a dia maiores proporções entre nós.

Surgindo há 116 anos numa pequena cidade da tradicionalista Inglaterra, por obra de um grupo de tecelões, que passaram a figurar na história como «os 28 pioneiros de Rochdale», aprasenta-se hoje como um movimento em incessante progresso, articulado por todo o mundo.

Tendo como guia de seu roteiro o velho lema — «Um por todos e todos por um», fundamenta seus princípios de organização livre nas normas do apoio mútuo, para proporcionar diretamente a seus membros utilidades e serviços conseguidos por meio da cooperação de todos, sem a intervenção do Estado e do patronato e dispensando igualmente a intervenção do intermediário comercialista.

Surgindo com a modalidade de cooperativa de consumo, para a aquisição de utilidades sem a intervenção do comércio, essa atividade de ajuda mútua foi se desdobrando em múltiplas modalidades, como, por exemplo, de cooperativas de produção, de crédito, de assistência, de recreio etc., extendendo sua ação desde os grandes centros até à vida rural.

Hoje, o movimento cooperativista enfeixa aqui e pelo mundo afora, milhares de unidades com modalidades diversas, reunindo milhões de cooperadores, agindo livre e espontâneamente, à margem do Estado e da exploração direta do capitalismo, para a prática de uma obra solidarista, que serve também de útil exercício de livre iniciativa do povo para a solução de seus problemas, elemento necessário para o desenvolvimento da sociedade libertária de livre convivência.

Conforme tem acontecido com as iniciativas surgidas livremente, pela ação do povo, que se firmam e tomam proporções capazes de influir na vida social, logo que o cooperativismo começou, aqui, a tomar desenvolvimento, o Estado tratou de estender sôbre êle os seus tentáculos, envolvendo-o nas malhas de uma regulamentação atrofiadora.

Foi exatamente o que aconteceu com a organização dos trabalhadores. Até certo período, o movimento sindical livre dos trabalhadores foi vítima de sistemática e violenta perseguição. Não conseguindo, por êsse meio, extingui-lo, o Estado, ao serviço do capitalismo, tratou de submetê-lo ao seu contrôle por meio de uma legislação especial, com o intuito de afastá-lo da luta pela ação direta para defesa dos seus direitos na vigente sociedade e encaminhar-se para sua completa emancipação.

Entretanto, tal como aconteceu com os sindicatos operários, que continuam a atuar e chegarão a libertar-se do jugo estatal, também o movimento cooperativista do Brasil, que surgiu livremente e agora sofre as conseqüências da intervenção do Estado, prossegue em sua obra, cujo desenvolvimento vai tomando um ritmo cada vez mais acelerado, abrangendo setores das mais diversas atividades profissionais.

Nota-se que se vai acentuando a tendência para se ter mais em conta o conteúdo, a essência de caráter social contida nas bases do cooperativismo, servindo de exercício de atividade solidarista exercida à margem do Estado, por meio de livre organização para uma obra de apoio mútuo com a finalidade de atender diretamente a necessidades da vida individual e familiar no convívio da coletividade.

Libertadas da preocupação do lucro comercialista, dos formalismos burocráticos, bem como — e especialmente — do contrôle de uma entidade estranha às suas atividades como é o Estado, o cooperativismo poderá ser, certamente, um valioso elemento na entrosagem duma sociedade Federalista Libertária. Num entrosamento racional baseado na autonomia dentro da atuação Federativa, com os Sindicatos operários transformados de sua organização de luta com o capitalismo que hoje os caracteriza, para se tornarem organismos técnicos-profissionais no campo da produção, bem assim como as organizações de todos os demais ramos de atividades — profissionais, técnicas, científicas, culturais, assistenciais, recreativas, esportivas, de inúmeras afinidades, etc., o cooperativismo poderá estar destinado a exercer uma função de real importância num convívio social Federalista Libertário, principalmente no setor do consumo, ou melhor, na distribuição do intercâmbio das utilidades, dispensando a atividade hoje exercida na base do lucro pela organização comercial do capitalismo.

Edgard Levenroth

O HOMEM: INFATIGÁVEL ANDARILHO

Quando compulsamos livros de História Universal, de Antropologia e de Paleontologia, ficamos abismados com a distância percorrida pelo Homem, já não diremos desde a sua origem onde a contagem dos milhões de anos chegam a causar estonteamentos, mas tão sòmente das épocas históricas em que êle deu início à Civilização. Tomando por base as datas estabelecidas pelos historiadores, vai para mais de 15 mil anos que a era histórica teve seu começo. E, dessa data em diante, penosamente, cavalgando séculos, ladeando dificuldades, vencendo obstáculos e decifrando segrêdos que a natureza escondia, o Homem foi superando surpresas e repentes que lhe entorpeciam o caminho, e estabeleceu o seu domínio sôbre as incoercíveis fôrças naturais. Sendo animal Racional, criou condições que o separaram cada vez mais das outras espécies e passou a ser o Rei da Criação. E como tal, fundou Impérios, Reinados, Monarquias, Repúblicas, ditaduras e outras modalidades de governos. Na condição de civilizado criou partidos, idéias, religiões, filosofias, crenças e superstições que ainda arresta em prejuizo próprio. Sábio, **investigou, descobriu, inventou**, e penetrou até as profundezas terrificantes do Átomo. E a Natureza, violenta, agressiva e selvagem, curvou-se ante a sabedoria do Homem.

Tudo isso, dito assim de maneira tão sumária, não pode refletir o poderoso esfôrço feito pelo Homem para chegar a edificar sôbre a esfera agreste que habitamos, tão imenso e incalculável patrimônio. A inquietação originária que remoinha incessante na mente humana, fêz dêle o inconformado sonhador que antevê sempre um mundo melhor. E não foi por outro motivo que empreendeu, corajosamente, a maratona secular que perdura ainda e não sabemos até quando.

A riqueza criada pela mão e a sapiência dêsse franzino e inerme vertebrado, foi de molde a garantir-lhe uma **existência melhor, propociar**-lhe recursos para suavisar seus males e atingir um nível de vida superior. De fato, o grau de bem-estar material concebido e realizado pela imaginação do Homem, não pode ser melhor. Todos os requintes do confôrto e até de estravagâncias, foram por êle elaborados. Testemunham essa maravilhosa conquista, milhões e milhões de famílias, e de estirpes inteiras até, espalhadas pelo mundo, cujo teor de vida é verdadeiramente paradisíaco, sublime, encantador. Nêsse particular o Homem pode se considerar plenamente realizado. Porém, cometeu um grave e imperdoável êrro, um equívoco fatal: não soube generalizar e destribuir equitativamente, êsse colosal e confortável padrão de vida. Permitiu que um pequeno número de pessoas, através de artimanhas, sofismas e maquinações, se apossasse do fruto de seu sacrifício milenar e o transformasse em privilégios. Quando percebeu o lôgro e quis reagir, encontrou a resistência organizada dos privilegiados que não permitiram que retificasse o êrro. Criaram leis, tratados, constituições, botaram a boca no mundo e legitimaram os privilégios.

E assim nasceu a discórdia universal.

Mas o Homem não esmoreceu, leva entranhado em sua própria natureza a sociabilidade humana e dela não pode separar-se. Empreendeu novamente a marcha, renovou aspirações, concentrou energias e retomou a luta.

Varou séculos, e em sua obstinada peregrinação abriu novas esperanças. Demoliu impérios, devastou reinados, monarquias, criou e destruiu ditaduras, fundou e remodelou Repúblicas, e, triunfante, chegou finalmente aos nossos dias. Porém, aqui chegando, constatou que o lôgro continua. Viu que os quinze mil anos de Civilização e de laborioso sacrifício, continuam transformados em mordentes e ofensivos privilégios e que, nem os vinte séculos de Cristianismo foram bastantes para abrandar a alma empedernida dos usurpadores da riqueza social. E o Homem estancou para pensar. E num mixto de revolta e de tristeza indagou:

Como?! A mentalidade daqueles que por mais de 150 séculos monopolizam o fruto do meu trabalho, em nada mudou?!

A riqueza e a miséria ainda são extremidades que delimitam as relações Humanas?

Até quando terei de vaguear pelo mundo para que a minha condição de Humano seja reconhecida?!

Terá sido em vão a minha luta e o continuará sendo?!

Um frio raciocínio percorre a vigorosa mente do infatigável Andarilho que busca desentranhar as desmoralizantes contradições que martirizam a alma humana. E, mais uma vez indaga: será que «O Homem é Lobo do Homem» como diz Tomaz Hobbes, ou «Somos Todos Irmãos» como a Bíblia aconselha e o Anarquismo proclama ?

Mas, o Homem leva entranhado em sua própria Natureza a Sociabilidade Humana e dela não pode separar-se. Sabe que viver parasitàriamente à custa de outrem e grotesco, imoral e constrangedor. Sabe que essas mazelas são contingências transitórias na longa trajetória da Humanidade e que um dia desaparecerão. Sabe que o destino certo e final dos povos é a Liberdade, Igualdade e Fraternidade Universal.

E para lá caminha...

Pedro Catallo

LIBERDADE SEM MÊDO

Conclusão da 1.a página

nhada da fantasia e da inventiva, isto é, não há diversão organizada. A criança até uma certa idade tem grande necessidade de fantasia e para nós adultos torna-se difícil avaliar quando termina a fantasia e começa a realidade no mundo infantil. Quando um dêles se veste de fantasma os outros gritam de terror. Quando nas suas brincadeiras de quadrilheiros um dêles é abatido os outros reagem como se êle realmente estivesse morto. Quando uma meninazinha dá de comer a uma boneca ela acredita realmente que a boneca tem vida. Nenhum pai compreensivo destroi a fantasia de uma criança porque esta é a única maneira de esgotar o interêsse neste seu mundo fantástico.

Dos oito aos catorze anos os meninos repetem a fase heroica da humanidade e por isso estão sempre matando gente ou voando em seus aviões de madeira, fazendo cabanas nas árvores, cavando buracos e trincheiras. Mas não gostam de brincar com as meninas. Estas, quando pequenas, brincam com bonecas porém as mais velhas divertem-se mais no contacto com as pessoas.

Um fato interessante a assimilar é que em Summerhill não se brinca de professor nem de médico porque as crianças não sentem necessidade de imitar a autoridade já que ela não existe nesta escola.

Os adultos em geral esquecem os desejos de sua infância e exigem das crianças e dos adolescentes um comportamento inadequado para a sua idade. Por isso constroem grandes edifícios escolares, com muitas salas bem aparelhadas porém com apenas um pequeno pátio cimentado para as brincadeiras. Os pais e professores temem que as crianças percam tempo brincando e não consigam nenhum êxito na sua vida futura. A experiência de Summerhill nos tem mostrado o contrário. Se uma criança pode se divertir tanto quanto deseja ela poderá ser aprovada num exame apenas com dois anos de estudo intensivo em lugar de passar seis ou sete anos enfadonhos, num horário de prisão que lhe rouba o direito de brincar.

Neill acredita mesmo que os males da civilização são devidos em grande parte ao fato de a criança não poder se divertir tanto quanto necessitaria.

É difícil avaliar até que ponto uma criança pode ser prejudicada quando não tem permissão para brincar tanto quanto deseja. Porém o certo é que os alunos mais velhos de Summerhill não se interessam por futebol e não se dão ao trabalho de se deslocarem para assistir as cerimônias de pompa de uma procissão real na Inglaterra que atrai as massas com as suas côres, o seu formalismo, os seus movimentos lentos, as suas bonecas vestidas e portanto tôdas as sugestões de um mundo de brinquedo.

Autoritarismo

ERICH FROMM

(continuação do número anterior)

Retornando agora ao exame do caráter autoritário, o aspecto mais importante a ser citado é sua atitude face ao poder. Para êle há, por assim dizer, dois sexos: os poderosos e os desprovidos de poder. Seu amor, admiração e disposição para submeter-se são automàticamente despertados pelo poder, quer seja de uma pessoa ou de uma instituição. O poder encanta-o, não por quaisquer valôres específicos que possa simbolizar, mas sòmente por ser poder. Assim como seu «amor» é automàticamente suscitado pelo poder, da mesma forma pessoas ou instituições sem poder despertam seu desprêzo. O simples fato de avistar uma pessoa impotente faz com que êle deseje agredir, dominar e humilhá-la. Enquanto um tipo diferente de caráter fica estarrecido ante a simples idéia de atacar uma pessoa indefesa, o caráter autoritário sente-se tanto mais animado quanto mais indefeso se tiver tornado seu objeto.

Há um aspecto do caráter autoritário que tem confundido muitos observadores : sua tendência para desafiar a autoridade e para ingnar-se contra qualquer gênero de influência vinda de «cima». Às vêzes, êste desrespeito obscurece todo o quadro e as tendências para a submissão ficam em segundo plano. Êste tipo de pessoa se revoltará constantemente contra qualquer gênero de autoridade, mesmo contra a que deveras projeta seus interêsses e não possua elementos cerceadores. Às vêzes, a atitude para com a autoridade é ambivalente ; são pessoas que talvez combatam um grupo de autoridades, especialmente se tiverem ficado decepcionadas com sua falta de poder, e, ao mesmo tempo ou mais tarde, submetem-se a outro grupo que, graças a maior poder ou a maiores promessas, pareca satisfazer a seus anseios masoquistas. Por fim, há um tipo em que as tendências rebeldes estão completamente reprimidas e só vêm à tona quando o contrôle consciente se acha enfraquecido; ou podem ser reconhecidos **a posteriori**, no ódio que surge contra uma autoridade quando seu poder diminui e quando começa a titubear. Com pessoas do primeiro tipo, em que a atitude rebelde ocupa o centro do quadro, a gente é fàcilmente levada a crer que sua estrutura de caráter é exatamente a oposta à do tipo submisso masoquista. Parece como se fôssem pessoas que se opõem a tôda autoridade em virtude de sua exagerada independência. Elas lembram pessoas que, devido à sua fôrça interior e integridade, combatem as fôrças que se antepõem à sua liberdade e autonomia.

Entretanto, a luta do caráter autoritário contra a autoridade é essencialmente desrespeito : é uma tentativa para afirmar-se e sobrepujar seu próprio sentimento de impotência por meio do combate à autoridade, embora continue presente o anseio de submissão conscientemente ou não.

O caráter autoritário nunca é um «revolucionário»; preferiria chamá-lo de «rebelde». Há indivíduos e movimentos políticos que mistificam o observador superficial devido ao que se assemelha a uma mudança inexplicável do «radicalismo» para um autoritarismo extremado. Psicològicamente, essas pessoas são os «rebeldes» típicos. A atitude do caráter autoritário face à vida, tôda sua filosofia, é terminada por seus anseios emocionais. Êle ama as situações que restringem a liberdade humana, adora ficar sujeito à fatalidade : depende de sua posição social, o que significa «fatalidade» para êle. Para um soldado pode significar a vontade ou o capricho de seu superior, a que êle se submete de bom grado. Para o pequeno negociante, as leis econômicas são a fatalidade: crise e prosperidade, para êle, não são fenômenos sociais que possam ser modificados pelas ações humanas, mas a expressão de um poder superior a que a gente tem de submeter-se. Para os que estão no alto da pirâmide, não é bàsicamente diferente. A diferença jaz apenas no vulto e na generalidade do poder a que a pessoa se submete, não no sentimento de dependência em si mesma.

Não só as fôrças que determinam a vida de cada um diretamente, como igualmente as que parecem determinar a vida em geral, são consideradas como sina imutável. É fatal que haja guerras e que uma parte da humanidade seja subjugada por outra. É fatal que a proporção de sofrimento não possa nunca ser menor do que tem sido sempre. A fatalidade pode ser racionalizada filosòficamente como «lei natural» ou como «destino do homem» religiosamente como a «vontade do Senhor», èticamente como «dever» — para o caráter autoritário sempre há um poder superior, alheio ao indivíduo, diante do qual nada lhe resta senão submeter-se. O caráter autoritário cultua o passado : o que foi será eternamente. Desejar algo ou trabalhar por algo que ainda não houve é crime ou loucura. O milagre da criação — e a criação é sempre um milagre — escapa ao campo de sua experiência emocional.

A difinição da experiência religiosa, dada por Schleiermacher, como experiência de dependência absoluta, é a definição da experiência masoquista em geral ; um papel especial e desempenhado neste sentido de dependência pelo pecado. O conceito de pecado original, que pesa sôbre tôdas as gerações futuras, é característico da experiência autoritária.

Qualquer espécie de falha humana, inclusive moral, torna-se uma fatalidade a que o homem jamais logra escapar: quem quer que haja errado fica eternamente acorrentado a seu pecado com grilhões de ferro. As ações do próprio homem passam a ser o poder que o governa e nunca o deixa livre. As conseqüências da culpa podem ser amenizadas pelo arrependimento, mas êste nunca pode dar cabo da culpa. As palavras de Isaías «por mais escarlates que teus pecados possam ser, êles ficarão brancos como a neve» exprimem exatamente o oposto da filosofia autoritária.

O denominador comum a todo o pensamento autoritário é a convicção de que a vida é determinada por fôrças extrínsecas ao ego do homem, a seus interêsses e desejos. A única felicidade possível está na submissão a tais fôrças. A impotência do homem é o estribilho da filosofia masoquista. Um dos pais ideológicos do nazismo, Moeller van der Bruch, exprimiu muito claramente êste sentimento. Êle escreve: «O conservador prefere acreditar na catástrofe, na impotência do homem para evitá-la, em sua necessidade e no terrível desapontamento do otimista corrompido». Nas obras de Hitler veremos mais exemplificações do mesmo estado de ânimo.

(continua no próximo número)

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis